

TORNAR-SE MESTRA'

Na dimensão mágica, espiritual e ritualística das culturas dos povos

originários e afro-brasileiros, aqueles que um dia foram aprendizes se tornam mestres e mestras, a partir da sabedoria que apreenderam na experiência vivida. Muitas vezes se recebe um novo nome e a titulação é dada pelos demais da comunidade que, vendo a luz do saber emanada em situações de aprovação nos *ritos de passagem*, enxergam que, enfim, aquela pessoa está pronta.

Nesta missão que é dada no diálogo com o invisível, que pode ser nessa ou em outra vida, é que se reconhece que o tornar-se mestre não se reduz à cerimônia de titulação, mas na capacidade de crescimento encontrado em cada desafio pelo caminho. Foi assim na minha casa, com a minha bisavó Catarina que, atualizando a seu modo em gestos, por vezes cotidianos e corriqueiros, uma herança coletiva tradicional, faleceu ano passado com 103 anos, sendo uma mulher muito respeitada e consultada por todos, em nossa cidade, Mundo Novo, interior da Bahia. O que ela nos ensinou com o fato de só saber escrever seu próprio nome é que o conhecimento não está atrelado somente a uma função científica, mas sobretudo à consciência relativa às ideias de compreensão e convivência com as coisas e pessoas. Uma consciência espiritual que respeita o tempo. Que ao ler como o vento se move, criando as relações e mudando as coisas de lugar, consegue enxergar que, por trás de toda adversidade, há sempre uma mensagem a ser escutada.

1. Título inspirado na obra *Tornar-se Negro - As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* de Neusa Santos Souza. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Assim como nos ritos de aprendizado ou de iniciação dessa gente minha, foi nos últimos dois anos e meio que passei a compreender o sentido de tornar-se mestra na vida. Sentada numa rede, em meio à Serra da Mantiqueira, perguntei-me: mas afinal, o que é ser uma mestra? Não o mestrado como uma titulação que, na ordem prática, é capaz de legitimar o conhecimento e abrir portas no mundo-capital, mas ele com seu potencial de abrir outras portas, portas para outros mundos. Uma etapa a ser cumprida para que encaremos de frente as sombras que o barulho do cotidiano não é capaz de nos fazer escutar.

Na reclusão e solidão que esse processo solicita, foram as dores empilhadas e cobertas com centenas de máscaras que passaram a se revelar. Também as marcas que pousam sobre os corpos *racializados* e os efeitos dos *epistemicídios* que, diferente dos estudos de caso no texto do livro do vizinho, tornam-se presentificados na trajetória inscrita nos seus próprios passos. É ser cobaia do seu próprio laboratório, pressionando com uma das mãos as feridas e fazendo esforço para não perder, com a dor, um segundo da consciência, de modo a escrevê-la com a outra.

É assim, ao menos, que a mensagem tem chegado aqui, e talvez por isso eu tenha necessitado de tempo, pois é como se, antecedendo e circundando o problema da dissertação proposta, eu precisasse compreender algo muito maior. *Semiotizar* o significado da própria semiótica na vida: entender o que ela diz, como ela diz e o que ela me traz. Foi quando tudo passou a fazer sentido.

Recobrar a verdadeira intenção, descer alguns níveis de profundidade, entrar em contato com o que está por trás e compreender a ética da estética da produção de conhecimento. Um buraco misterioso, uma avalanche de medos: da solidão, da liberdade, dos paradoxos, de não saber lidar com as escolhas, a dúvida das incoerências e do que é preciso negociar sem que isso desperte ou potencialize o que pode vir das sombras. Sombras projetadas em todas as outras gavetas e afetos bricolados pela vida. Somado a isso, foi necessário ainda mais tempo para entender o próprio objeto que, sobretudo pelas suas deterioradas condições, necessita ser elaborado e sustentado criticamente, carregando o peso da primeira vez. O quanto me custa essa costura epistêmica que ronda um objeto tão despedaçado, que fui atravessada no corpo e forçada a me deter.

***Tornar-se mestra
é tornar-se negra.***

**É produzir um conhecimento que, antes de qualquer coisa,
é produzido no seu próprio corpo. É dar palavras a sentidos
que não tem nome e legitimar saberes em lugares que não
foram feitos para eles.**